

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

KARINA DE MIRANDA

**O OLHAR FEMININO SOBRE O OUTRO NO ROMANCE HISTÓRICO
DIAS & DIAS, DE ANA MIRANDA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2012

KARINA DE MIRANDA

**O OLHAR FEMININO SOBRE O OUTRO NO ROMANCE HISTÓRICO
DIAS & DIAS, DE ANA MIRANDA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Literatura” - Área de Concentração: Literatura Brasileira

Prof. Dr. Naira de Almeida Nascimento

CURITIBA
2012

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses tesouros
Inesgotáveis, d'ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços:
Isso é amor, e desse amor se morre!

(DIAS, Gonçalves, 1852)

RESUMO

MIRANDA, Karina. O olhar feminino sobre o outro no romance histórico *Dias e dias*, de Ana Miranda. 2012. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

Este trabalho pretendeu analisar o livro *Dias e dias*, de Ana Miranda, a partir do olhar feminino da narradora-personagem Feliciano. Através de sua voz a vida do poeta Gonçalves Dias é retratada, sua vida e sua obra são construídas por esta mulher que mostrava verdadeira admiração e amor por alguém que ela nem conhecia. Para tanto foram utilizadas algumas referências que abordam temas do feminino, do romance histórico e também da estética da recepção que trabalha a questão do leitor sobre a obra.

Palavras-chave – Feminino. Gonçalves Dias. Biografia.

ABSTRACT

MIRANDA, Karina. The feminine look over the other in the historical novel Days and days, Ana Miranda. In 2012. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

This study aimed to analyze the book Days and Days, Ana Miranda, from the look of the female narrator-character Feliciano. Through his voice to the poet's life is portrayed Gonçalves Dias, his life and work are built by this woman who showed genuine admiration and love for someone she never met. To do so use some references that address issues of women, the historical novel and also the aesthetics of reception with the question of the reader about the work.

Key words - Female. Gonçalves Dias. Biography.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	07
2.	ROMANCE HISTÓRICO, IDENTIDADE E DIFERENÇA DE GÊNERO	08
2.1	IDENTIDADE E DIFERENÇA DE GÊNERO	10
2.2	A MULHER NO ROMANCE <i>DIAS E DIAS</i>	11
3.	O TEXTO E O LEITOR	18
3.1	A LEITORA FELICIANA	20
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

Ana Miranda procura em seus romances históricos, como em *Dias e Dias*¹ analisado neste trabalho, apresentar de forma biográfica, escritores canônicos que contribuíram para o desenvolvimento da literatura nacional. Juntamente com a biografia desses autores brasileiros, a autora proporciona momentos históricos ocorridos durante a época de nascimento e vida dos escritores, situando-os no plano social a que estavam inseridos.

Marilene Weinhardt afirma que esta forma de ficção é uma maneira contemporânea que a ficção encontrou para dialogar com a história.² A partir disso, tem-se um romance que retrata a vida nacional em situações históricas que ocorreram no início do século XIX, como é o caso da independência, e também, da Balaiada, no final dos anos 30 e início de 40 deste século. Tratando-se de uma época marcada pelo poder patriarcal, em que a mulher não possuía voz, e era proibida de revelar sonhos e desejos, ficando responsável somente por cuidar do marido, de seus filhos e de seu lar, Ana Miranda procura explorar a voz feminina, criando como narradora-personagem uma mulher. Esta era apaixonada pelo poeta Gonçalves Dias e também leitora de cartas encaminhadas a seu amigo, Alexandre Teófilo, bem como de suas poesias. Feliciano, a narradora-personagem, acreditava que grande parte dos poemas produzidos longe da cidade natal de Gonçalves Dias, Caxias, no Maranhão, foram escritos para ela, pois ele retratou, principalmente em *Canção do exílio*, o país que possuía características bastante peculiares e, ao lê-lo, a personagem se identifica com ele, pois encontra símbolos característicos de sua terra.

Nesse viés, a autora dá voz à narradora, mas também não a caracteriza como alguém que está muito além de seu tempo. Pois, apesar de em alguns instantes a personagem transgredir regras, ela se mantém sonhadora e vivencia seus sonhos através de romances e poesias. Vive em sonho o amor que não lhe foi possível concretizar, pois nunca teve coragem de revelá-lo para o poeta, visto que este era grande conhecedor das palavras e das letras. Além disso, enquanto mulher, Feliciano não poderia declarar-se, pois elas casavam-se com quem seus pais escolhiam, não podiam realizar, concretizar sonhos, podiam apenas sonhar em silêncio, sem que suas vozes fossem ouvidas.

¹ MIRANDA, Ana. *Dias e Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Todas as citações do texto de Ana Miranda pertencem a essa edição.

² WEINHARDT, Marilene. Quando a história literária vira ficção. In: ANTELO, Raul ET al. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998

2 ROMANCE HISTÓRICO, IDENTIDADE E DIFERENÇA DE GÊNERO

Ana Miranda escreveu vários romances históricos cujos personagens marcaram a história literária, dentre eles o livro *Dias e Dias*. Nesta obra, a autora narra a vida do poeta brasileiro Gonçalves Dias juntamente a acontecimentos históricos que marcaram o Brasil no início do século XIX, como a luta pela independência e a Revolta da Balaiada. A primeira ocorre antes do nascimento do escritor, a última, em 1838. Marilene Weinhardt afirma que esse tipo de literatura não deixa de fazer parte do romance histórico porque “*ficcionaliza* personagens cuja existência empírica marcou a história literária (...)”³, ou seja, para “contar a história” do personagem, a autora precisa descrever o ambiente em que aquele viveu para que compreenda-se atitudes e pensamentos.

Pode-se perceber que o principal interesse da autora é resgatar, através de *Dias e Dias*, o poeta romântico brasileiro que teve grande significação para a história literária do país, pois ele foi um poeta nordestino, cânone marginalizado, que precisa ser reconhecido, sobrevivendo ao tempo. Através da paródia, o que Linda Hutcheon (1991) afirma representar um passado que só pode ser conhecido a partir de seus textos, de seus vestígios, sendo literários ou históricos, Ana Miranda sacraliza a obra do autor e apresenta, questiona o passado histórico deste, realizando esta sacralização do passado ao mesmo tempo em que ele é questionado. O livro é marcado não só pelo discurso nacionalista, inimizado entre defensores do Brasil independente e os que queriam a volta do domínio Português, mas também por um discurso nacionalista ufanista. Cita-se aqui, como exemplo, o fato de Gonçalves Dias ter escrito sobre os índios – inclusive um dicionário em Tupi – e seus costumes. Para tanto, a narradora-personagem, Feliciano, afirma “os índios marcaram tanto a memória de Antonio que muitos de seus versos são indianistas, e Antonio fez até um dicionário da língua dos índios onde aprendi umas palavras”⁴. Assim como a *Canção do exílio*, poema em que exalta as belezas do país que tanto amava e de que sentia falta, pois por muitos anos esteve fora do Brasil para estudar e também para tratar de problemas de saúde.

Quando Ana Miranda opta por contar a história de um autor, ela escreve um romance de caráter histórico porque narra uma época através da biografia que precisa ambientar socialmente. Ela constrói esse ambiente quando aborda fatos históricos, independentes de

³ WEINHARDT, Marilene. Quando a história literária vira ficção. In: ANTELO, Raul ET al. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998, p.104, grifo meu.

⁴ Miranda, p. 31

terem ocorrido na capital nacional, que deixaram o país e a província de Caxias, no Maranhão, com crises nas fazendas, nos comércios e na região de modo geral:

Um pouco antes do meu nascimento começou um tempo de pobreza, o negócio do algodão estava esboroado porque o algodão não tinha mais lugar no comércio entre os países e muitos fazendeiros daqui tinham medo de cair na miséria, faziam juntas da igreja, murmuravam na Câmara, coçavam a cabeça, aqui se ouvia falar a todo o tempo de insurgentes, movimentos nacionalistas em que conspiravam contra o rei, mas os portugueses em Caxias adoravam dom João e resistiam ao Império independente.⁵

Neste trecho, a autora situa o poeta em seu tempo descrevendo a situação histórica que ocorria no Brasil. Vários foram os problemas enfrentados antes de se alcançar a independência através de Dom João. Muitos portugueses que aqui habitavam protegiam a ideia de que não havia necessidade de tornar o Brasil independente de Portugal, o que ocasionou várias prisões, visto que os portugueses podiam prender qualquer brasileiro que acreditasse ser suspeito, para encarcerarem e maltratarem. Pode-se perceber que o retrato da situação do país se faz presente no romance, mesmo que sirva ‘de pano de fundo’ para narrar a vida do poeta.

Além desses aspectos, o romance traz outros de igual importância. Feliciano, a narradora-personagem, sonhadora e romântica, simboliza o lado romântico do poeta, principalmente em relação ao poema *Canção do exílio*. Na personagem feminina, pode-se perceber também diversos significados metafóricos, como por exemplo, o amor platônico que ela possuía por Gonçalves Dias que retrata o amor que o poeta sentia pelo país, bem como a saudade que a moça sente por ele pode ser representada como a saudade que ele sentia da sua pátria. A luta que separava portugueses e brasileiros quando da independência também está refletida em seus poemas, Gonçalves Dias acreditava na união dessa população. Assim como Feliciano, o pai da moça e o pai do poeta – brasileiro e português, respectivamente – representavam essa intenção de união das pátrias, idealizada pelo poeta.

Apesar de dar ênfase à vida de Gonçalves Dias e a sua trajetória, Ana Miranda constrói o retrato e o ambiente temporal em que ele viveu para que suas frustrações, medos e desilusões possam ser compreendidos pelo leitor. Organizar a trajetória pessoal de grandes autores da história literária nacional não diminui a obra da autora, pois esta contextualiza e situa o leitor no tempo daquele que ela deseja trazer à memória do país, revelando a história para que haja compreensão da literatura e dos escritos que o autor optou por seguir.

⁵ MIRANDA, p.34-35

2.1 IDENTIDADE E DIFERENÇA DE GÊNERO

A partir da contextualização histórica feita por Ana Miranda, tem-se outro aspecto de grande relevância para o romance. Nele há uma voz feminina narradora que retrata a vida do poeta em questão. Essa narradora-personagem contribui em vários aspectos para a construção da biografia do autor, mas um em questão chama a atenção, pois em meados do século XIX, as mulheres ainda estavam na periferia da sociedade, enclausuradas em seus sonhos, viviam aquilo que o poder patriarcal lhes impunha. Normas e regras que deslocavam a figura feminina para um patamar marcado pela submissão e pelo silêncio. Nesse sentido, o romance traz, além da biografia histórica, a visão de uma mulher sobre a vida de outrem de forma bastante crítica. Visto que a diferença entre homens e mulheres foi marcada pela relação de poder que aquele exerceu (exerce?) sobre essa de forma imposta por uma questão hierárquica que não sofreu grandes disputas, mas que ofereceu para as mulheres de uma geração marcas do poder masculino, pois os homens detinham poder, liberdade de escolhas e de decisão sobre a voz feminina de toda uma geração. Para Silva, “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir.”⁶, ou seja, a identidade nacional foi construída no país através dessas diferenças criadas entre os gêneros, sendo dividida de forma a dar poder para os homens: “A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido.”⁷, afirma Silva. Dessa forma percebe-se que o ‘Outro’ cria essa identidade e essa diferença masculina colocando a mulher em um estágio inferior, principalmente porque ela era vista como algo do demônio, como feiticeira que realizava encantos para os homens, essencialmente no início da colonização do país. Silva afirma ainda que, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade.”⁸, e era isso que acontecia nos séculos iniciais da sociedade brasileira. Ao homem era dado o poder de definir a identidade da nação, principalmente quando este se “alia” a Igreja, transformando o pensamento dos que aqui viviam, tornando a mulher um ser obediente, passível de castigos religiosos, caso esta ousasse e criasse qualquer problema no lar constituído e mantido pelo seu esposo.

Apesar dessa diferença existente entre os gêneros, a condição feminina das mulheres brasileiras tem papel importante na história do constructo nacional, pois elas foram

⁶ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade da diferença. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identificação e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.82.

⁷ *Idem*, p.84

⁸ *Idem*, p.91

provedoras das primeiras famílias na colonização do país, mesmo que suas histórias tenham sido marcadas pelo poder que o homem e a igreja exerceram sobre elas. Através desse “controle” - proibição de pensar, estudar, trabalhar - as famílias foram sendo instituídas. Mary Del Priore, em seu estudo sobre a mulher na colonização, afirma que esses dois atores sociais “tinham objetivos: delimitar o papel das mulheres, normatizar seus corpos e almas, esvaziá-las de qualquer poder ameaçador, domesticá-las dentro da família”⁹. Ou seja, à mulher não era dada condição alguma de vivência social, sua vida estava fadada a criação dos filhos, a orações, e a cuidar do marido e da casa.

No decorrer do tempo, essa ideia de que a mulher deveria ser cuidada, por ser frágil, se torna um pouco mais amena, mas ainda assim, domina o pensamento da sociedade. No século XIX o poder patriarcal ainda a silenciava. Ela dependia do pai, do marido, da família e suas vontades e desejos não possuíam voz. Os ensinamentos que lhe cabiam eram os domésticos: cozinhar, lavar, bordar, costurar. Sua vida social era permitida somente com a companhia de uma figura ou masculina ou de mais idade. Além disso, elas não poderiam cursar a escola, portanto, a educação formal não lhes era permitida, “ela valorizava-se socialmente por uma prática doméstica, quando era marginalizada por qualquer atividade na esfera pública.”¹⁰. Cabia, portanto, às mulheres, o exercício da devoção religiosa, ao esposo e à família. O lar era seu destino, sem estudo e sem opção, viver significava compreender e ser dominada pelo homem que a desposou.

2.2 A MULHER NO ROMANCE *DIAS E DIAS*

Seguindo estas considerações sobre a criação e vivência da mulher na sociedade, o romance *Dias e Dias*¹¹, de Ana Miranda, retrata a realidade da questão feminina na família oitocentista através da personagem Feliciano, filha de militar, que teve sua mãe falecida quando era criança, sendo criada pela tia Natalícia. A obra expõe vários aspectos desta sociedade patriarcal, as proibições que eram impostas, a forma como fora criada. Como a maioria das meninas de sua época, Feliciano não teve a chance de estudar, aprendeu ‘as letras’ com a tia, nunca teve um professor ou frequentou escolas. Mesmo assim, gostava de ler romances, no entanto, Natalícia a proibia porque esse tipo de leitura “deixava as moças

⁹ DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993, p.17

¹⁰ *Idem*, p.18

¹¹ MIRANDA, Ana. *Dias e Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

doentes, encorajava a imoralidade, os romances, eram silenciosos instrutores na arte da intriga (...)”¹². A própria personagem afirma que lia os livros escondida na despensa de casa “em busca da heroína dentro de mim”¹³, ou seja, ela possui curiosidade por aquele mundo, ainda mais se naquele momento poderia viver situações, ou até mesmo sonhos que não viveria na vida real, afinal, o mundo era visto pelas mulheres através das leituras que estas faziam, já que não tinham o direito de viver suas vidas de forma independente.

Feliciano mostra-se muito sonhadora, como as meninas de seu tempo. Idealiza o personagem-poeta Antonio Gonçalves Dias e constrói para si uma figura “perfeita” de alguém que ela nunca conversou ou estabeleceu um vínculo. Por esta razão, constrói um ideário da obra do poeta à medida que vai lendo as cartas que este envia ao amigo Alexandre Teófilo. Como moça sonhadora, nunca falou com Antonio porque sentia medo, vergonha, porque ele estudava muito, seu pai havia contratado um professor para ensinar-lhe línguas e demais conteúdos, enquanto ela, menina, pouco sabia, sentia-se intimidada porque não tinha estudado e nunca se quer havia saído da cidade maranhense de Caxias. Faltava-lhe cultura, conhecimento e estudo para aproximar-se daquele que ela amava, a ela cabia outros deveres que não as letras e palavras, “enquanto eu vivia escondida de trás da janela e no calor da cozinha, no ralador, no pilão, que coisa haverá mais irrisória do que a vida de uma mulher, do que a minha vida?”¹⁴. Neste trecho a personagem faz um retrato da vida que as mulheres oitocentistas levavam, os afazeres domésticos estavam estipulados para elas que administravam o lar, que cuidavam para que os homens fossem bem tratados e para que a casa estivesse limpa e bem arrumada.

Natalícia, a tia que criou a menina junto do cunhado, mal dormia, tinha muito trabalho doméstico, estava a todo tempo limpando a casa e cozinhando. Tarde da noite preparava a ceia do cunhado e logo cedo estava acordada, novamente envolvida em sua rotina. A menina via aquilo e pensava que não queria ser como a tia “Deus que me livrasse de uma vida dessa, como podia eu não querer vida diferente?”¹⁵. Feliciano sonhava com a vida que Maria Luíza - prima e amiga casada com o melhor amigo do poeta Gonçalves Dias - tinha na capital, pois ela era de uma classe social mais alta, podia deliciar-se ao piano e frequentar bailes da sociedade, apesar das restrições sociais ao feminino.

Mesmo com todos esses aspectos da época, a menina sonhadora gostava de sair às ruas para espiar, reparar e concluir as pessoas. Sempre que podia ia até o armazém do senhor João

¹² *Idem*, p.25

¹³ *Idem*, p.25

¹⁴ MIRANDA, p. 51

¹⁵ *Idem*, p.59

Manuel, pai de Antonio, para ver o garoto, ainda que nada falassem. Feliciano possuía alguns “privilégios” permitidos pelo pai, como o fato de sair sozinha de casa em alguns momentos, pois sendo ela uma boa moça e ter perdido a mãe muito cedo, como citado em vários trechos do romance, seu pai havia permitido essa pequena “liberdade”, mas muito se deve ao fato da cidade de Caxias ser uma província onde as pessoas conheciam umas as outras. A personagem de Natalícia, no trecho intitulado *Grudadas na Janela*, descreve as mulheres da região de São Luís, capital nacional - aquelas que Feliciano acreditava ter a vida “perfeita” por conta da socialização que estas tinham em relação aos bailes e festas – afirmando que elas não possuíam educação religiosa, não sabiam cozinhar e ficavam o dia todo na janela em busca de um pretendente, tendo somente o desejo de sair de casa, de casar. Nesse aspecto, a tia da personagem ainda a elogia afirmando que Feliciano era diferente, pois sabia cuidar da casa e era boa moça. Isto é, ela possuía a qualidade de saber cuidar de uma família, isso era o que importava para a sociedade oitocentista.

Por esta razão, seu pai, com a chegada do professor Adelino à cidade para lecionar latim, e com a boa relação que os dois estavam construindo, caçando sabiás aos domingos e conversando, permite que o professor faça a corte para a menina, ela, em pensamento, “(...) e papai permitiu sem ao menos consultar-me!”¹⁶, às vezes parecia esquecer que era menina-moça e que suas vontades não seriam possíveis de serem realizadas, pois os homens, pais e maridos, eram quem faziam as escolhas para as filhas e esposas. O pai marca a data do noivado, faz contas, pede a Natalícia que arrume a casa e faça um banquete. Feliciano ganha um vestido novo. No dia do noivado, no entanto, a menina não quer sair do quarto e não se reconhece com a roupa e o penteado que está usando “(...) Natalícia batia à porta do meu quarto e me mandava sair dali, eram ordens de papai e eu lhe devia obediência (...)”¹⁷. Aqui há o retrato da voz masculina sobre a voz feminina, pois o pai não desejava saber quais os sentimentos e pensamentos que permeavam sua filha, ele queria era casar-lhe, e o professor Adelino, além de estudado, possuía bens, o que o tornava um bom partido, mesmo que este tivesse quase o dobro da sua idade, muito comum na sociedade patriarcal. No momento em que Feliciano manifesta algum tipo de desinteresse pelo rapaz que a coteja com um álbum, no dia do noivado, trazendo uma dedicatória em latim, sofre repreensão por parte do pai:

Eu falei então ao professor que preferia que fosse em português sua dedicatória, papai mandou-me pedir desculpa ao professor pela desfeita, e eu disse, Papai

¹⁶ MIRANDA, p.76

¹⁷ *Idem*, p.85

mandou-me pedir desculpas pela desfeita então eu obedeco e peço desculpa, papai ficou vermelho de raiva, mandou-me entrar no quarto, suspendeu o jantar, despediu-se do professor e disse que era melhor para ele buscar outra noiva que o merecesse, deu-me de castigo no quarto dois bolos de palmatória em cada mão, deu ordem para que as louças e pratarias todas voltassem ao armário, a toalha e os guardanapos ao baú.¹⁸

Neste trecho percebe-se qual era a reação dos homens quando a mulher demonstrava suas opiniões e desejos, porque a filha desfazer-se de um rapaz com vários predicados era uma vergonha para um pai, mas Feliciano não queria casar-se com o professor Adelino porque amava, em silêncio, Antonio Gonçalves Dias, mesmo que este nem soubesse de sua existência. Mas, mesmo vivendo essa situação de não poder de decisão, a personagem feminina não casa com o professor, mesmo que seja a vontade de seu pai. Adelino faz companhia a ela, toca bandolim, mas não consegue receber o amor da moça sonhadora. Apesar de ter apanhado após a desfeita que fez ao seu pretendente, Feliciano transgrediu quando não realizou a vontade paterna e não casou com aquele que a dizia amar. Sonhava com outrem e manteve sua “devoção” a Antonio por toda a vida.

As mulheres sempre estiveram na periferia, enclausuradas pela sociedade machista em que foram sendo criadas. No romance, a autora Ana Miranda, procura dar voz a esta mulher, minoria, que, segundo Lucas, é “antes objeto do que sujeito, pois se vê despojada de volição, diante do forte querer do pai ou do cônjuge.”¹⁹, geralmente é silenciada, mesmo quanto personagem.

A partir do momento em que ela é a narradora da história, que escreve uma espécie de diário, com trechos de poemas de Gonçalves Dias, sua eterna paixão, ela sai desse universo patriarcal, e é conduzida pela autora para outro ‘patamar social’, porque é ela quem contará a história desse poeta brasileiro, analisando criticamente sua criação literária e também a vida deste. Gonçalves Dias passa de figura histórica para alguém humanizado, que possui características percebidas pela narradora. Quando ela o considera um menino simples, estudioso e solitário, e depois, um homem mulhengo e apaixonado, ela está atribuindo valores ao poeta que ela não conhecia, nem tinha vínculo. Isso pode ser exemplificado logo no início do texto, em *Verdes Equívocos*, quando ela descreve Gonçalves Dias quando criança, “(...) o brilho de sua letra e seus olhos tismados de carvão e sua calça enferrujada, seu nariz arregaçado, seus cabelos anelados, seu livro de escrituras, seu raio de luz, um menino tão

¹⁸ *Idem*, p.86

¹⁹ LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985, p.35

desamparado! (...)”²⁰; e quando o descreve já na fase adulta, quanto uma pessoa namoradeira, “(...) Antonio jamais se apaixonaria por mim, embora tenha se apaixonado por centenas de moças e mulheres e senhoras viúvas (...)”²¹, apontando esse lado mais “assanhado” do rapaz, mas um lado que ela criou a partir da leitura das cartas do poeta para seu melhor amigo, Alexandre Teófilo.

A partir das descrições de Gonçalves Dias, da maneira como ele se vestia quando criança, do seu jeito com as mulheres, da sua maneira de ver a vida e de vivê-la, a narradora-personagem o está humanizando, pois apresenta ao leitor o lado humano do poeta, suas vivências, seus temores, suas decepções amorosas. Mas todas as descrições possuem o olhar feminino, o que dá à biografia do poeta outra perspectiva, pois ela o inocenta da vida, justifica todos os seus atos, suas ações, porque carrega dentro do peito amor, amor este nunca correspondido. Além disso, por se tratar de um gênero que era considerado ‘inferior’ ao do homem, Feliciano, assim como as demais mulheres de seu tempo, estava situada na periferia da sociedade, o que faz com que traga consigo uma perspectiva idealizadora do que seria o outro, construindo uma imagem do poeta-personagem que lhe convinha, principalmente por não ter tido experiências de vida como ele teve, pois ela não era estudada e não tinha saído do país, muito menos da província onde vivia com sua família. Isso faz com que ela faça uma leitura da vida do poeta, quanto biografia, idealizada pela leitora que era das cartas endereçadas ao melhor amigo do autor e, também, de seus poemas, conforme estes chegavam até ela, o que pode ser percebido, por exemplo, no trecho “eu lia e relia seus livros, lia e relia a composição aos meus olhos verdes, a dor era um gigante vulcão que fervia no meu peito (...)”²².

A personagem traz consigo certa frustração ao relatar que ela não “pode” escrever nem poesias nem romances, pois isso não era comum para a época em que estava inserida, ela mesma se denomina como alguém que só sabe bordar, contar botões, realizar afazeres domésticos e sonhar, de forma romântica, pelo seu amor. Feliciano costumeiramente escrevia cartas para sua prima Maria Luíza e também para Antonio Gonçalves Dias, mas estas últimas ela não tinha coragem de entregar. Mas, por um engano, sua última carta escrita para sua paixão fora encaminhada à sua prima, Maria Luíza, que rapidamente encaminhou ao poeta deduzindo que Feliciano, enfim, tivera a coragem de declarar seu amor.

²⁰ MIRANDA, p. 23

²¹ *Idem*, p.17

²² MIRANDA, p.212

Outro fato descrito no romance de Ana Miranda é quando a personagem decide conhecer o amor carnal que sua prima havia lhe falado. Neste instante, Feliciano vai até a casa do professor Adelino e pede a ele que mostre o que seria o amor carnal. Adelino, respeitando os costumes da época em que viviam, explica que não podem efetuar uma relação sem antes estarem casados, mas a moça o intimida quando afirma que se não fosse com ele, seria com outra pessoa, pois ela queria conhecer esse tipo de amor,

Vim conhecer o amor carnal, e ele disse que não podia, só se casasse comigo, e eu disse: Se não fores tu, será outro. Ele estremeceu, levou-me para seu quarto segurando minha mão com sua mão quente, deitou-me na cama, ficou nu, levantou minha saia, deitou em cima de mim, beijou-me e sem dizer nenhuma palavra mostrou-me o que era o amor carnal.²³

Feliciano transgride as regras de seu tempo, já que as relações sexuais das mulheres de família aconteciam para consumir o casamento e para que gerassem filhos. Elas não possuíam o direito de realizar suas vontades, muito menos os desejos íntimos. Essa talvez seja uma característica das narrativas modernas, que tiram a mulher do limbo social a que estavam fadadas e a trazem para a sociedade, dividindo o espaço e as atitudes com os homens.

Os sonhos e desejos da personagem feminina não fugiam às regras da sociedade oitocentista, mas, no entanto, Ana Miranda traz para frente a personagem feminina dando-lhe a oportunidade de viver acontecimentos restritos aos homens. Ela narra a vida de outra pessoa através do ambiente social em que estava inserida, uma época em que as mulheres eram consideradas frágeis, sem condição de conduzir suas vontades, submetidas aos interesses de seus pais, maridos e enclausurada em uma vida que não pertencia às suas escolhas. Ao colocar Feliciano como narradora, a autora permitiu que a personagem vivesse algumas situações – viagem, o sexo realizado sem casamento – que transgrediam a época em que ela estava inserida, permitindo que vivesse momentos de ‘liberdade’. Apesar disso, ainda sim a autora explorou momentos de enclausura da personagem, pois ela desejou escrever poemas e sabia das limitações que a sociedade lhe impunha, além de ser mulher, Feliciano não tinha estudo e se sentia incapacitada para escrever algo que ela admirava muito, como as poesias, por exemplo. Além do amor que ela sentia e não podia manifestar, pois, ao fazer parte desse universo feminino, seus desejos não eram respeitados, suas vontades deveriam ser a vontade do homem.

²³ MIRANDA, p. 228

Por um lado ela realiza seu desejo quando não se casa com o professor Adelino e mantém a jura que fez de que se não casasse com aquele que amava, não entregaria seu coração a mais ninguém. Mas, por outro, não tendo oportunidades maiores, como o estudo, se vê limitada a sonhar com o grande amor, aguardando que este a olhasse um dia. Nesse sentido, Feliciano não consegue livrar-se das amarguras causadas por esta sociedade machista e patriarcal em que vivia em meados do século XIX, renegando assim, sua vida em prol de um sonho que se tornava a cada dia mais distante.

3. O TEXTO E O LEITOR

Diferentemente do diálogo existente entre duas pessoas, em que a leitura do outro faz com que as reações sejam percebidas no instante em que ocorrem, o texto proporciona interpretações diferentes, pois estas tratam de situações e personagens que não conhecemos, principalmente no que diz respeito a sua imagem. No diálogo face a face tem-se a leitura de imagens que condizem com aquilo que pensamos uns sobre os outros. Segundo Iser, a interação é regulada através daquilo que pensamos saber sobre o que o outro “acha” de nós mesmos, por isso se torna diferente a relação do texto com o leitor, pois não se pode “ler” a fisionomia do autor, pois ele é “desconhecido”. Para que um texto cumpra seu papel social ele deve interagir com o leitor, pois isso faz parte do processo de leitura, que une o processamento do texto ao efeito sobre quem lê.²⁴

Para isso, algumas lacunas e espaços vazios se fazem presente propositadamente, pois o leitor deverá, com suas interpretações, comunicar-se com esse texto de forma diferente do diálogo. Aqui se mostra e se cala para que no silêncio das palavras escritas o leitor atribua significado aquilo que lê, “Os vazios possibilitam relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas expectativas.”²⁵ Nesse processo, o leitor tem papel fundamental atribuindo sentido. Suas experiências anteriores – vida, leitura e momento histórico – o transformam em peça fundamental na construção de significação, pois quando se lê, também se recria o texto tornando-o legível, experienciável²⁶.

Tem-se, a partir disso, que o processo de interação entre texto e leitor, se dá através das lacunas que deverão ser preenchidas, atribuindo sentido ao texto. No entanto, essa liberdade dada ao sujeito leitor tem um limite dentro das possibilidades interpretativas que o texto proporciona. Quando esse sujeito possui uma “bagagem”, como por exemplo, experiências de leituras, repertório histórico, conhecimento de mundo, ele poderá usufruir de maneira mais completa, consistente e abrangente aquilo que o texto tem a fornecer a ele. O conhecimento prévio será um facilitador da interpretação daquilo que se lê, unindo-se de maneira produtiva ao novo, produzindo maior conhecimento. Jauss afirma que a qualidade e a categoria de um texto vêm “dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua

²⁴ ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Hans Robert Jauss *et al.*; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.85

²⁵ *Idem* p.91

²⁶ ZAPPONE, Mirian H. Y. Estética da recepção. In: *Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas*. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia OZana (org). Maringá, PR: Ed. UEM, 2009.

fama junto à posteridade.”²⁷ Ou seja, existem critérios para classificar um texto, pois nele deve estar contida a recepção e as lacunas que proporcionaram ao leitor a possibilidade de preenchimento. Ao criar, o autor deve atentar-se a isso, pois a literatura deve encaminhar seu leitor para a união de conhecimentos prévios, pois ele irá criar um horizonte de expectativas junto ao texto. No caso dos romances Best-sellers, por exemplo, esse horizonte de expectativas está acomodado ao público, não traz sistemas de convenções e referências que se alternam, sendo linear, o que causa falta de valor estético, tornando-se previsível para quem realiza a leitura da obra. Mas, se ao contrário, a obra trouxer uma distância considerável dos horizontes de expectativas, seu valor estético consegue transformar o sistema literário de referência, proporcionando ao leitor maior conhecimento, pois a leitura se dará para o novo, o imprevisível, para o novo conhecimento. Jauss ainda completa que, “só se pode entender um texto quando se compreendeu a pergunta para a qual ele constitui uma resposta.”²⁸ Desta forma, a criação de uma obra se faz tão importante quanto a recepção do que será lido, e isso dependerá também de quando ela foi produzida e a fase em que foi lida, num movimento de sincronia e diacronia.

Nesse sentido, a literatura pode vir a causar efeitos – éticos, sociais e psicológicos – como forma de reflexão do leitor. Assim como os textos diferem uns dos outros, a leitura que será realizada destes também se dará por variados leitores, que terão percepções desiguais ao exercerem a leitura. Isso também ajudará no processo de reconhecimento daquilo que é ou não literatura, pois as obras estão inseridas histórica e socialmente, sofrendo alterações conforme o tempo e o espaço. O leitor que possui grande carga de conhecimento e de leitura, seja da vida ou de obras, respectivamente, terá maior aproveitamento daquilo que ele lê, logo seu processo de recepção com o texto será facilitado, porque o autor não é mais o detentor dos sentidos nessa vertente de estudos e não pode controlar o significado que sua obra poderá gerar porque sua linguagem, diferentemente da oralidade, não será expressa com as intenções bastante delimitadas. Os espaços vazios estarão presentes para que o leitor preencha parte destas intenções e faça parte do processo de significação e sentido do texto.

²⁷ JAUSS, H.R. A História da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994, p.7. In: ZAPPONE, Mirian H. Y. Estética da recepção. In: *Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas*. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia OZana (org). Maringá, PR: Ed. UEM, 2009. p.192

²⁸ *Idem* p.196

3.1 A LEITORA FELICIANA

No livro de Ana Miranda, Feliciano lê e interpreta os poemas de Gonçalves Dias. Mas, além disso, faz leitura também de cartas que são encaminhadas pelo poeta ao seu melhor amigo Alexandre Teófilo. Em uma passagem ela afirma, “ele confessa numa carta que sentia um fluido elétrico a correr pela medula da sua coluna vertebral (...), Antonio é fraco para com as mulheres e nunca sincero com elas, nem consigo mesmo, sincero apenas com Alexandre Teófilo e com a Poesia, sua Musa (...)”²⁹. Ou seja, neste instante, ela, quanto leitora, faz sua interpretação em relação as palavras daquele que dizia amar. Mas, o real sentimento que o poeta carregava pelas mulheres, ela mesma não saberia ao certo, pois interpretava seus escritos de acordo com aquilo que ela idealizava, acreditava. Afirmar que o poeta não era sincero com as mulheres pode significar a distância e, de certo modo, a falta que aquele amor lhe fazia, pois ela o desejava, mas sabia que ele nem sequer conhecia seus reais sentimentos.

Umberto Eco (1994), compartilhando as ideias de Jauss, afirma que o leitor deve preencher lacunas no texto, pois este é preguiçoso e necessita que aquele realize o seu trabalho dando sentido à leitura. Feliciano atribuída sentido ao que lia, durante toda a narrativa ela faz a leitura que deseja em relação às cartas e aos poemas, mas isso não significa que os sentimentos ou até mesmo a vida do autor fosse realmente essa que ela acreditava ser, um sujeito mulhengo, triste por não ter se casado com sua amada. Eco continua sua reflexão assegurando que, “os leitores se dispõem a fazer suas escolhas no bosque da narrativa acreditando que algumas delas serão mais razoáveis que outras.”³⁰. Isso de certa forma reflete nas escolhas feitas pela personagem do romance, pois acreditar, ver o poeta como alguém que possuía as características que ela atribuiu a ele, fosse mais razoável ou justificaria o fato deles nunca terem sequer trocado uma palavra, pois assim, ela fundamentaria a falta desse amor. As escolhas interpretativas eram realizadas para poupar-se do sofrimento que causava a distância que sentia de uma pessoa que ela amava, mas com quem nunca havia tido qualquer tipo de relacionamento.

Interpretar um texto colocando “sentimentos que dizem respeito somente a nós mesmos”³¹ não é interpretá-lo, segundo Eco, é “tomá-lo para si” porque usa-se os sentidos de forma incorreta. Não há leitura interpretativa, há o sentido que eu quero, desejo que tenha

²⁹ MIRANDA, p.19

³⁰ ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 14

³¹ Idem p.16

porque esta foi minha escolha. Sendo um texto aberto às interpretações plausíveis, que são permitidas, Feliciano se mostra contrária aos ideias de um leitor-modelo, aquele que colabora com o texto, assemelhando-se ao leitor primário, que atribui ao que lê aquilo que deseja e não aquilo que o texto possibilita.

Os poemas lidos por Feliciano, como *I-juca-Pirama*, *Leito de folhas verdes*, *Marabá*, textos estes que idealizavam os índios, eram interpretados pela personagem como a visão romântica do autor, como textos líricos. No entanto, apesar da interpretação “equivocada” que a personagem faz das cartas que lê, ela parece conseguir visualizar, através desses poemas indianistas, que os índios possuíam características semelhantes às pessoas comuns, pois podiam ser meigos, mas também severos. Porém, ao ler poemas que Gonçalves Dias escrevera para Ana Amélia, segundo suas cartas encaminhadas ao amigo esta moça era sua paixão, a personagem-narradora faz uma interpretação que não parece preencher as lacunas possíveis do texto, por exemplo, no trecho a seguir, quando o poeta escreve sobre os olhos de sua amada:

Olhos tão negros, tão belos, tão puros, de vivo luzir, estrelas incertas, que as águas dormentes do mar vão ferir; olhos, tão negros, tão belos, tão puros, têm meiga expressão, mais doce que a brisa, - mais doce que o nauta de noite cantando, - mais doce que a fruta quebrando a soidão, esses os olhos de Ana Amélia vistos pelos olhos apaixonados de Antonio, negros, meigos, falam de amor, mas não são puros, talvez o fossem quando Antonio escreveu essa composição, olhos perdem a pureza muito depressa, basta olhar o mundo, e também no retrato não me parecem apaixonados, parecem até um pouco tristes, desencantados, ela está absorta, em silêncio. (grifos da autora)³²

Feliciano prefere ler o poema à sua maneira, completando as lacunas com interpretações equivocadas sobre os sentimentos daquele que ela amava para não assumir a derrota sentimental que estava vivendo naquele momento.

O poeta, ao escrever este poema demonstra muita paixão, ao contrário do que afirma a personagem, quando Gonçalves Dias descreve o olhar da moça. Ela afirma que os olhos não são puros e não parecem apaixonados quando ela os vira em um retrato encaminhado por sua prima. Segundo Eco, “os leitores se dispõem a fazer suas escolhas no bosque da narrativa acreditando que algumas delas serão mais razoáveis que outras.”³³, e é exatamente o que Feliciano faz, acredita que é melhor denegrir a imagem da moça, a quem Antonio relata seu amor, do que acreditar que a pessoa a quem ela ama nem sabe de sua existência.

³² MIRANDA, p. 133-134

³³ ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 14

Durante todo o romance, a personagem mantém uma relação com o poeta Gonçalves Dias de admiração, mas essa admiração é sempre pela visão que ela carrega do autor através de seus textos. Por esta razão, a imagem que ela tem de alguém que nem conhece chega a ser bastante questionável. Seria Gonçalves Dias realmente um mulherengo? Um rapaz afoito pelos estudos? Triste? Mesmo Feliciano tendo acesso às cartas que ele mesmo escrevia ao melhor amigo, e escrevendo ele a uma pessoa íntima e de confiança, expõem seus sentimentos, toda a suavidade ou os exageros que se têm quando dá leitura do romance, são pontos de vistas duvidáveis devido à fonte. Pois uma pessoa apaixonada tende a exagerar em alguns aspectos e suavizar outros para que suas idealizações sejam garantidas, pois assim poupa-se sofrimento e dor.

Em alguns trechos ela procura definir para quem a poesia “serve”:

(...) a poesia é para gente como Antonio, gente que não fala, gente que se sente desamada, sem mãe, que lê no banco da praça, ou gente que não sorri, que ama a solidão, o silêncio, o prado florido, a selva umbrosa e da rola o carpir, como mesmo disse Antonio, gente que ama a viração da tarde amena, o sussurro das águas, os acentos de profundo sentir, para esses é a poesia³⁴.

colocando-o em uma posição de pessoa triste, com um misto de sentimentos descritos pelo poeta para seu amigo. Mais adiante, a narradora continua com a definição atentando-se para o poeta:

(...) poeta é aquele que sofre sem motivo, aquele que tem a inocência de determinar para sua própria vida sacrifícios de que ninguém toma conhecimento e a ninguém interessa, a não ser a algumas almas compassivas (...). Poeta é uma pessoa egoísta, isso foi Antonio quem escreveu numa carta a Alexandre Teófilo que Maria Luíza me deixou ler (...)³⁵

Essas definições sobre a poesia e sobre o poeta Gonçalves Dias são feitas a partir das cartas, mas seria isso verdadeiramente o que o personagem escrevia? Seus sentimentos são interpretados pela “leitora” Feliciano a partir do conhecimento de mundo que a menina tinha. Seus sonhos com o amor que possuía pelo poeta trazem interferências para a interpretação daquilo que o outro escrevia. A falta de um diálogo com Gonçalves Dias deu a ela a livre interpretação de suas ideias, de acordo com o conhecimento de mundo que a menina possuía. A vontade de viver como o poeta, a idealização de suas viagens, o estudo que a ele foi dado, ajudam a criar um ideal de vida, de sonhos, fazendo com que ela interprete aquilo que lê, da

³⁴ MIRANDA, p. 44-45

³⁵ Idem, p.46

maneira mais adequada ao momento e a seus sonhos. Isso pode ser visto também como uma justificativa da distância que existe entre os dois personagens, pois um era estudado, viajado, a outra, enclausurada em sua casa, dentro de suas limitações sociais devido a sua posição feminina.

Quando Feliciano soube da publicação do primeiro livro de poemas de Gonçalves Dias, *Primeiros Cantos*, através do professor Adelino, que sabia o quanto ela admirava o poeta, a personagem-narradora afirma:

O livro começava pela “Canção do Exílio”, que me deixou na maior das felicidades, pois mostrava o quanto Antonio tinha recordações de Caxias, uma saudade cheia de lirismo. *Achei, aqui dentro de mim, de meu coração, que Antonio tinha escrito a “Canção do Exílio” para mim, porque eu sabia remedar igualzinho o gorjeio do sabiá*, então, quando ele dizia “as aves aqui gorjeiam não gorjeiam como lá”, para mim queria dizer que as mulheres do mundo não eram tão primores a desfrutar como as mulheres daqui, isso eu achava e acho ainda, e quanto ao sabiá, Antonio sabia que o papai era colecionador de sabiás, que tinha os mais belos sabiás das matas.³⁶ (grifo meu)

No trecho grifado, Feliciano expõe como se dava a leitura dos poemas de Gonçalves Dias. Durante a narrativa ela demonstra essa falta de compreensão, ou de preenchimento das lacunas, em relação ao texto. Inverter o sentido desse para que ele fique como eu desejo não é interpretá-lo, é criar sentimentos que somente alimentará a nós mesmos, tomando-o para si. Ou seja, Feliciano não era madura em relação ao que lia, ela não compreendia o autor em sua plenitude, deixando a leitura pouco dramática. Segundo Eco, quando o leitor compreende o que lê, ele faz o contrário, deixa a leitura mais dramática, tornando o texto com o horizonte de expectativas. A narradora transborda a leitura que faz e leva a ficção para o plano biográfico, frisando detalhes da vida do autor, como roupas e objetos quando este retorna à sua cidade no dia em que o pai falece. Ela cria uma perspectiva de idealizações que humaniza a literatura do poeta, tornando-o próximo dela.

Como estratégia, a autora Ana Miranda coloca excertos de textos de Gonçalves Dias no decorrer da narração de Feliciano. Em algumas situações as vozes se confundem, Antonio e Feliciano parecem ser a mesma pessoa. Por isso a autora da obra, em nota final destaca que fragmentos de cartas reais e poemas reais de Gonçalves Dias foram inseridos no texto e não estavam sendo destacados. Personagem e poeta se confundem apenas em um, causando a sensação de que em muitas situações Feliciano é o exílio de Antonio.

³⁶ MIRANDA, p.140

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gonçalves Dias é um cânone da literatura brasileira, escreveu um dos poemas mais conhecidos no país e transmitiu a gerações futuras a condição nacional do Brasil em uma época marcada por conflitos de separação de duas nacionalidades. Ana Miranda procurou retratar em seu romance a vida e a obra desse poeta e, para tanto, utilizou-se de descrições históricas e sociais. Ficcionalmente a autora procura dar conta da história nacional e da vida do autor que passara por várias dificuldades, não somente financeira, pois no caso de Gonçalves Dias, ele passou pelo preconceito em sua própria casa por ser filho de uma negra escrava que o próprio pai acabou por abandonar.

A voz feminina, retratada pela personagem Feliciano dá ao romance um ‘ar’ romântico oitocentista, pois esta, além de sofrer as dificuldades impostas pela sociedade patriarcal em que estava inserida, fez-se calar seu amor pelo poeta que tanto admirava. Através dos textos do autor, a personagem-narradora vive um sonho que ela acredita existir, mas que nunca poderá concretizá-lo efetivamente, pois seu tão sonhado amor, quando sabe da existência dela, através da carta que sua prima remete a ele erroneamente, mas o poeta, ao retornar ao país, falece no navio que estava a bordo, impossibilitando o encontro que a moça acreditava que iria acontecer.

Feliciano, assim como as demais mulheres de sua época, tem a voz enclausurada. Seus sonhos e divertimentos são formas de idealizações de uma vida que não viveu. Apesar de em alguns momentos ela transgredir sua época, seu comportamento era o de uma moça de seu tempo que vivia através dos romances aquilo que a vida não podia lhe conceder. Os poemas de Gonçalves Dias lhe causavam euforia, iluminavam sua vida e faziam-na acreditar que haviam sido escritos para ela, pois ela sim, representava o país que tanto Dias enalteceu.

Entende-se, portanto, que a voz de Feliciano e o olhar que ela deu ao outro faziam parte das idealizações femininas marcada por sofrimento e silenciamento de seus desejos. Apesar de Ana Miranda trazer a personagem oitocentista para o centro do romance, permitindo que esta narrasse a vida do autor em questão, percebe-se que seu silêncio só lhe proporcionou dor e solidão, servindo ela apenas como mediadora de uma vida triste e solitária que o poeta viveu.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISER, Wolfgan. A interação do texto com o leitor. In: *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. JAUSS, Hans Robert. LIMA, Luiz Costa (org). Rio de Janeiro: PAZ e Terra, 1979.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985.

MIRANDA, Ana. *Dias e Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Estética da recepção. In: *Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas*. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (org). Maringá, PR: Ed. UEM, 2009

WEINHARDT, Marilene. Quando a história literária vira ficção. In: ANTELO, Raul *et al.* *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998